

*Clínica humanista-fenomenológica:  
estudos em psicoterapia e psicopatologia crítica*  
Virgínia Moreira  
São Paulo: Annablume, 2009, 254p.

## Clínica humanista-fenomenológica: estudos em psicoterapia e psicopatologia crítica

Georges Daniel Janja Bloc Boris

137

Após a publicação de diversos livros – *Mas allá de la persona: hacia una psicoterapia fenomenológica* (no Chile, em 2001); *Personalidade, ideologia e psicopatologia crítica* (com Tod Sloan, em 2002); *Mulher feita de azul* (de poesias, em 2005); e *De Carl Rogers a Merleau-Ponty: a pessoa mundana em psicoterapia* (de 2007), Virgínia Moreira lança novo livro: *Clínica humanista-fenomenológica: estudos em psicoterapia e psicopatologia crítica*, produto da sua experiência e das inquietações como psicoterapeuta humanista e como pesquisadora coerente com sua formação fenomenológica, fundamentada na perspectiva *mundana* de Merleau-Ponty. A autora foi professora em diversas instituições de ensino superior no Brasil e no Chile, lecionando, atualmente, nos Programas de Pós-Graduação e de Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza (UNIFOR).

Sua trajetória, eminentemente crítica, tornou-a pioneira entre seus colegas e parceiros, desde sua dissertação em Educação sobre os *Limites da abordagem centrada na pessoa de Carl Rogers*, na Universidade Federal do Ceará. Logo depois, voltou-se à tese *Para além da pessoa*, em que analisou a prática da psicoterapia rogeriana à luz de Merleau-Ponty, no Doutorado em Psicologia Clínica da PUC de São Paulo. Finalmente, pôde enriquecer sua perspectiva fenomenológica sobre a *experiência vivida* na clínica psicológica a partir da antropologia da experiência, conforme as proposições de Byron Good e de Arthur Kleinman, no pós-doutorado em Antropologia Médica da Harvard Medical School (EUA).

Nos primeiros capítulos de *Clínica humanista-fenomenológica: estudos em psicoterapia e psicopatologia crítica*, Virgínia Moreira elabora sua proposta de tomar a fenomenologia de Merleau-Ponty como uma importante ferramenta de articulação teórico-prática para a busca do significado da experiência vivida na psicoterapia, na supervisão e na compreensão dos distúrbios psicopatológicos, discutindo historicamente seu trabalho como psicoterapeuta, fruto do humanismo de Carl Rogers e da psicopatologia fenomenológica. Neste sentido, elege os conceitos de *empatia*, de Rogers, e de *mundo vivido (Lebenswelt)*, de Merleau-Ponty, como os fundamentos de seu trabalho, além de outras “técnicas” de intervenção clínica: a intuição eidética, a redução, a descrição, a fala autêntica e o ver e ouvir fenomenológicos, sempre considerando a atuação do psicoterapeuta como ser *mundano*. Assim, sua proposta de compreensão da psicopatologia, fundamentada na perspectiva merleau-pontyana, é sempre concebida a partir dos *múltiplos contornos* dos fenômenos psicopatológicos, nos quais o real se entrelaça com o imaginário.

Nos capítulos dedicados à pesquisa, Virgínia Moreira volta ao campo da psicopatologia, apontando a perspectiva crítica do filósofo francês Maurice Merleau-Ponty como um avanço em relação à proposta fenomenológica original de Edmund Husserl, pois já não busca essências, e sim o *significado* da *experiência vivida*. Portanto, o pesquisador deve assumir sua subjetividade *mundana*, evitando uma suposta neutralidade científica. Em um dos capítulos, publicado em coautoria com o pesquisador Francisco Silva Cavalcante Jr., dedica-se à discussão da articulação do método fenomenológico *mundano* com a etnografia e a antropologia da experiência. Em dois outros capítulos, descreve sua experiência concreta com pesquisa transcultural: no primeiro, investiga o significado da *experiência vivida* da depressão no Brasil, no Chile e nos Estados Unidos, relacionando-o ao modo de vida dos pacientes nessas diferentes culturas; no segundo, em coautoria com

o colega Georges Boris, analisa a vivência do corpo na esquizofrenia no Brasil e no Chile.

Noutro capítulo, com Célio Freire, Virgínia Moreira questiona, baseada no pensamento de Emmanuel Lévinas, se a depressão, doença da moda, não está mais relacionada a uma sociedade plena de desafeto e de indiferença ao outro do que a uma desordem dos afetos, tal como é classificada pelos manuais de psiquiatria atuais. No capítulo com Anna Karynne Melo e Mara Chaves, discute as influências culturais e ideológicas da pós-modernidade sobre o mundo vivido dos pacientes *borderline*, analisando algumas características da cultura ocidental. Juntamente com David Sam, discute a complexa relação entre cultura e doença mental, destacando sua mútua constituição e denunciando nosso limitado conhecimento a seu respeito, em parte decorrente da adoção do modelo biomédico.

Finalmente, no último capítulo, Virgínia Moreira desenvolve a ideia de que a psicopatologia se constitui mutuamente com a ecologia, pois faz parte dos seus múltiplos contornos, destacando que o reconhecimento da sua estreita ligação pode ser um passo importante na superação da epidemia de doenças mentais que assola o mundo contemporâneo.

Instigante, inquietante, questionador e ousado, o texto de Virgínia Moreira, portanto, serve não apenas aos profissionais psi, mas a todos que se preocupam com os (des) caminhos deste estranho mundo vivido por todos nós.

139

#### GEORGES DANIEL JANJA BLOC BORIS

Psicólogo; mestre em educação e doutor em sociologia pela Universidade Federal do Ceará (Fortaleza, CE, Brasil); professor titular vinculado aos Programas de Pós-Graduação e de Graduação da Universidade de Fortaleza (Fortaleza, CE, Brasil); coordenador do Núcleo de Estudos das Relações de Gênero – NUGEN e do Núcleo de Pesquisas e Práticas em Processos Grupais – NUPEG, ambos ligados ao Laboratório de Psicopatologia e Psicoterapia Humanista-Fenomenológica Crítica – APHETO. Autor de *Falas de homens: a construção da subjetividade masculina*, lançado em 2002, pelo convênio Annablume/Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará, Brasil.

Rua Pereira Filgueiras, 1985  
60160-150 Fortaleza, CE, Brasil  
e-mail: geoboris@uol.com.br  
geoboris@unifor.br.